

**BIOGRAPHICAL DATA ON THE NOMINEE: A DETAILED HISTORY OF THE NOMINEE'S  
CREATIVE PROJECT (WRITTEN BY THE NOMINATOR)**

Há 20 anos a aldeia de Campo Benfeito, concelho de Castro Daire, era habitada por cerca de 50 pessoas, com uma média de idades de 70 anos. Todos subsistiam do trabalho agrícola e da criação de cabras e ovelhas.

A estrada principal passava a escassos 6 quilómetros mas só se utilizava quando era mesmo urgente ir ao médico. E, mesmo assim, era raro, porque as ambulâncias e quaisquer outros carros teriam muita dificuldade em lá chegar. A estradita seria certamente, como hoje, estreita, cheia de curvas, mas em terra batida, em vez do alcatrão que hoje facilita a mobilidade.

Ester, de 19 anos, nunca tinha deixado a aldeia. Henriqueta, de 22, também não. Ambas gostavam do sítio onde nasceram e ambas faziam votos para encontrar um marido que não as "obrigasse" a deixar Campo Benfeito. Porquê, perguntamos nós, pois se Campo Benfeito fica no fim do mundo e não tinha perspectivas de futuros promissores?

Porquê, se na altura o país iniciava uma nova época e, escapando-se do governo de Salazar, caminhava para uma sociedade onde as mulheres recebiam cursos de formação profissional e aprendiam a ler, pois, em meio rural, a taxa de analfabetismo era altíssima (chegava a atingir 80%)?

A explicação está no sentir destas raparigas, na sua maneira de ser e na educação que receberam, de sentido profundamente rural, que lhes transmitiu o amor pela terra e pela família, muito ligada a uma solidariedade comunitária, em terras onde, quando o vizinho não podia ir levar o rebanho a pastar, pois de certeza absoluta que o rebanho não ficava no curral. Quando se acendia o forno, todos tinham direito a usá-lo. Quando o sino tocava a rebate, todos apareciam para saber o que se passava e ajudar. Quando, ao fim da tarde, tocavam as *avé-marias*, todos deixavam os campos. Os homens davam uma volta pela taberna, mas as mulheres começavam a labuta caseira, ora fiando, ora cozinhando, ora tecendo, ora remendando.

*Exceptional courage and perseverance in improving rural life*

E foi neste contexto que em 1985, Henriqueta, Ester e outras mulheres mais velhas receberam um curso de formação profissional de corte e costura. A ideia era aperfeiçoar os conhecimentos que eram transmitidos por via feminina e fazer com que algumas delas se dedicassem a fazer a peça de indumentária mais característica do planalto beirão - a *capucha*, uma espécie de capa feita de lã que, depois de batida no pisão, ficava praticamente impermeável e era (ainda é) usada por mulheres. Tapava o frio no Inverno, e protegia do sol no verão.

Mas como sobreviver a fazer capuchas? As mulheres mais idosas acautelavam-nas: "Vós, tende cuidado porque a fazer capuchas ides morrer à fome! A capucha é para a vida inteira e, se começa a ficar velha, remenda-se..."

Rapidamente Ester e Henriqueta viram que o futuro não estava só na manutenção e preservação da tradição e afoitaram-se a seguir o conselho dos formadores - foram tirar cursos

de gestão/orçamentos/contabilidade, para o Porto. Encontraram de imediato um nome que as distinguisse: *Capuchinhas de Montemuro*.

A cidade do Porto, para quem nunca tinha saído de uma aldeia plantada num abrigo da serra de Montemuro e quase inacessível, era uma mega metrópole. Conviver com gente desconhecida era uma aprendizagem até aí impensável. Ester passava oito dias no Porto a receber formação teórica e oito dias em Campo Benfeito a fazer *trabalho de campo*. Ester não percebia: "trabalho de campo"? Voltar para o trabalho agrícola, para a agricultura? Não, ter-lhe-ão explicado: "Vais aprender a conhecer a tua terra e trazes-nos costumes, tradições, hábitos, etc, que iremos discutir aqui."

Esther percebeu muito bem e entusiasmou-se porque não havia nada que ela mais amasse do que a sua terra.

Mas, depois do curso, com a firme intenção de não abandonar a aldeia e sabendo que recomeçar a fazer capuchinhas, não resultava, perceberam que só o talento, a dedicação e a inovação poderiam salvá-las.

Puseram mãos à obra. Conseguiram que a Junta de Freguesia lhes desse a possibilidade de ocupar a escola, desactivada, pois não havia crianças. A mais nova da aldeia era Isabel, de 14 anos que já tinha feito a escolaridade obrigatória.

#### *Creativity in the approach*

Conscientes da importância dos saberes antigos, não deixaram escapar do seu projecto, a tecedeira mais velha da aldeia e convenceram-na a levar o tear para a escola. As mães e avós delas cederam os teares, um deles com mais de 150 anos. Foi assim que a escola onde se aprendiam as primeiras letras passou a ser uma escola de saberes tradicionais. Os velhos tecidos eram reciclados e transformados em mantas, tapetes e toalhas. As mulheres da aldeia para isso contribuíam, dando os tecidos já preparados para tecer. As duas raparigas além de terem dado emprego à Ofélia (mãe da Ester) chamaram mais duas jovens. Posteriormente ainda recolheram Isabel, a tal miúda mais nova da aldeia, nessa altura já com 18 anos.

Mas faltava alguém com técnica e conhecimento que as ajudasse a dar o salto qualitativo que o trabalho delas merecia. Era necessário dar uma imagem mais contemporânea às suas criações, mantendo a matéria-prima. Era necessário darem visibilidade ao seu trabalho, até aí só mostrado nas feiras de artesanato. Isto ajudaria a vencer barreiras económicas e críticas vindas de quem não via de bom grado esta iniciativa artesanal e empresarial, de cariz essencialmente feminino. Havia, pois, que vencer estes obstáculos, com trabalho, determinação, vontade e perseverança. Junto das entidades competentes, procuraram mostrar o valor e a importância da iniciativa, para o grupo, para a comunidade aldeã e para a manutenção e preservação de um património que não tem visibilidade - os saberes, o conhecimento e as etnotecnologias.

Conseguiram apoio para terem ao seu serviço, durante oito anos, a estilista Helena Cardoso que lhes trouxe o que pretendiam. Com elas, criou casacos, saias, camisas e camisolas que passaram a ser vendidas em lojas de moda do Porto e Lisboa. Este apoio, de nível

internacional, foi devido ao facto da Serra de Montemuro ter sido considerada uma das zonas mais carenciadas dentro da comunidade europeia.

Posteriormente, contrataram elas próprias uma estilista com quem criam, de dois em dois anos, duas colecções - uma de Inverno e outra de Verão.

**Continuing impact on the community and preservation of and respect for the environment**

Agora que já sabemos que estas raparigas, cedo feitas mulheres, persistem há mais de 20 anos lutando em conjunto, pela sua independência económica e pelo desenvolvimento local e regional, vejamos objectivamente outros aspectos que fazem delas trabalhadoras de sucesso, em meio rural:

- ?? Implicaram a comunidade no projecto, recorrendo aos saberes antigos das mulheres mais velhas no que diz respeito às técnicas da tecelagem e de tintos.
- ?? Aproveitaram os teares que, sem uso, inevitavelmente apodreceriam e, como tantos outros exemplos que conhecemos, serviriam de alimento às lareiras, no Inverno.
- ?? Aprenderam a usar as plantas e folhas de árvores para tingirem a linho e a lã, matérias-primas ecológicas, tratadas com técnicas, também elas completamente ecológicas.
- ?? Travaram a desertificação da aldeia. Não só ficaram elas, como também os rapazes que, entretanto se tornaram seus maridos e que deram à aldeia mais seis crianças - as primeiras que, nos últimos vinte anos, voltaram à escola e que têm idades compreendidas entre os 8 e os 12 anos. Das quatro jovens só Isabel ainda não é mãe.
- ?? Inovaram, criando novos modelos para tecidos antigos e até aí usados só na aldeia, sobretudo em fatos de trabalho, como o burel.

Actualmente sobrevivem sem grandes dificuldades. Estão completamente integradas e contribuem para o desenvolvimento local, trazendo a Campo Benfeito clientes e visitas permanentes.

É de realçar também a colaboração que dão a um grupo de teatro local que já se tornou profissional, fazendo-lhes os adereços. No ano de 2006 entrosaram-se no Festival Internacional de Teatro de Montemuro, fazendo elas próprias a passagem dos seus modelos durante o festival e convidando outros jovens das aldeias vizinhas. Foi, e será este ano também, uma forma de divulgarem o seu trabalho, dado que é uma oportunidade para terem contacto com a imprensa que se desloca a Montemuro anualmente.